

Scliar – Naturezas Mortas

Carlos Scliar é pintor para quem a cor e a luz são de muita importância e para quem o objeto é indiferente, mas necessário; é pintor, portanto exclusivamente visual: sua pintura não se alia ou não se submete a compromissos, mesmo vagos, com os outros sentidos, como o auditivo ou como o tátil, olfativo e gustativo que, nas naturezas mortas de certas épocas davam às flores a sensação do perfume, às frutas uma antecipação do seu gosto e aos utensílios de uso doméstico o prolongamento de um agradável contato.

O objetivo em Carlos Scliar é necessário, mas de uma necessidade de presença física e participante, reveladora da contingência inequívoca de que a cor e a luz existem, em princípio, no objeto ou através dele; pois, a cor é um problema de absorção e reflexão no objeto e a luz, somente através dele, se dispersa, se difrata, se polariza, etc. Mas, se o pintor reconhece a importância do objeto como um intermediário, como um termo entre a realidade e a criação artística, não tem mais por ele aquele carinho, aquela intimidade que facilmente descobrimos quando olhamos uma natureza morta de Chardin ou uma paisagem de Constable; as suas cafeteiras, as suas maçãs são fatos ocasionais e fortuitos, são instrumentos mediante os quais consegue apreender efeitos particulares e valores raros, extrapolados da coisa material e imanente, para uma realidade mais espiritualizada e pura: daí os fatos materiais dos seus quadros parecerem envoltos numa atmosfera, num halo de radiações cujas frequências são a sugestão de que são emitidas pelo “corpo negro”, pelos tubos eletrônicos ou pela “luz coerente”; como se o pintor alcançasse numa experiência pictórica fenômenos semelhantes aos da ordem física.

Até aqui não há propriamente uma originalidade marcante na arte de Scliar, uma vez que essa orientação já vem sendo usada há muito tempo pelos pintores modernos; entretanto, dessa maneira de utilizar o objeto, – mesmo naqueles pintores considerados mais “abstratos”, pois todos eles têm como base o fato objetivo – fica um resíduo maior ou menor, resultante dessa “combustão”, dessa “corrosão” da coisa material pelo conhecimento transcendente; na parte residual da pintura de Scliar é que se vai encontrar os elementos realmente individuais do pintor: todos os valores semânticos dos signos formais, coloridos e luminosos estão reunidos numa sintaxe verdadeiramente sua – “scliariana” –: valores de luz (Seurat, Feininger), valores de textura (Reth, Prampolini), valores de brilho (Gabo, Nicholson) etc. estão associados dentro de um ritmo próprio e singular. Vejam-se, por exemplo, nesta pequena coleção de sua obra, as reproduções das páginas 4, 5, 6 e 7 e observem-se os valores de “brilho branco”, sobretudo no copo da pág. 7, e logo se tem separados por “cortes” cezannianos e “passagens” cubistas, as fases de uma graduação que vai do brilho diamantino ao brilho feldspático da “pedra da lua”. Esta coleção de reproduções de pinturas e “collages” do pintor Carlos Scliar é suficiente para mostrar a qualidade principal deste artista, apesar de ser uma apresentação parcial da sua obra: estão faltando aqui os seus retratos, as suas ilustrações para o livro que elas também oferecem um cunho, um selo da sua serena atividade artesanal e das suas faculdades criadoras.